

# HETERONORMATIVIDADE E MASCULINIDADES NO TERREIRO DE UMBANDA: EM DEBATE AS RELAÇÕES DE GÊNERO, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO

*Paula dos Reis Moita<sup>1</sup>*  
*Joyce Alves<sup>2</sup>*

## RESUMO

Numa breve análise histórica da concepção de sexualidade dentro das religiões judaico cristãs é possível identificar a demonização de qualquer outra forma de sexualidade que não esteja dentro dos padrões da heteronormatividade. As religiões de matriz afrobrasileira, embora também sofram influências das tradições judaico cristãs, trazem a priori em sua filosofia uma abertura a aceitação e a diversidade. Entretanto ainda é possível identificar no cotidiano do Terreiro de Umbanda o pensamento colonial, patriarcal, heteronormativo, excludente, que influencia e perpetua a discriminação no que tange questões de gênero e masculinidades. Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar as relações de gênero, religião e educação a partir do Terreiro de Umbanda, buscando investigar especificamente como se consolidam questões e demandas das masculinidades e as quais influências da heteronormatividade nesse sentido. Tem como referenciais teóricos principais os estudos de Foucault, Jonas Alves, Stuart Hall e Rogério Diniz, no que tange aspectos de dominação e apagamentos dos corpos e das epistemologias outras dentro da discussão de gênero, masculinidades e identidades e Marta Ferreiro e Luiz Rufino nos estudos da relação de terreiro e educação. A metodologia de pesquisa apresenta uma abordagem de etnográfica, qualitativa, através de pesquisa exploratória, utilizando para a produção de indícios a entrevista aberta e semiestruturada, a observação participante e revisão bibliográfica.

**Palavras-chave:** Masculinidades, Heteronormatividade, Religião, Educação.

1 Doutoranda em educação pelo PPGEDUC/UFRRJ, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- RJ, [paulamoita2@gmail.com](mailto:paulamoita2@gmail.com);

2 Professora e orientadora: Pós-doutorado em Educação pela USP- SP, [ufrjoyce@gmail.com](mailto:ufrjoyce@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Roda a saia Maria, roda e torna a rodar,  
Sua sai de retalhos, tem história para contar. (domínio público)<sup>3</sup>

Mulher, Umbandista, Carioca, professora, mãe, são muitos os lugares de fala. Apaixonada pela educação e por simplesmente conhecer coisas, pessoas e lugares novos. Encontro no Curso de Mestrado, mas do que possibilidades acadêmicas e profissionais, encontro realização pessoal.

Ao longo de minha constituição como docente e pesquisadora a investigação a respeito de alfabetização e letramento sempre teve destaque enquanto objeto de pesquisa acadêmica e prática docente. Analisar e comprovar que a leitura vai muito além das palavras sempre foi objeto de fascinação pessoal.

Dessa inquietação surge inicialmente o trabalho: Do texto ao contexto: ler e escrever com prazer<sup>4</sup>, materializado no trabalho de conclusão de curso da graduação. Seu objetivo era investigar as dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita, procurando ainda delimitar ações favoráveis à promoção do desenvolvimento cognitivo global do educando.

A pesquisa de mestrado surge a partir da interseção do Trabalho de Conclusão do Curso da graduação em Pedagogia com a observação da rotina e estrutura das relações interpessoais tecidas durante as diversas ações de educação formal não escolar efetivadas no cotidiano do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor- CEJA<sup>5</sup>. Pesquisa essa que une dois espaços que compõem e constituem minha identidade de forma extremamente significativa: minha fé e minha profissão, ambas paixões em minha vida.

Praticante da Umbanda há quase três décadas. Meu encontro com a Umbanda aconteceu em 1993, através de meus pais, e pelas mãos de Vovó Cambinda, preta velha<sup>6</sup> da Umbanda que me acolheu e despertou o amor por todo sagrado que ancestralidade traz. Desde então vivo e pratico os ritos e preceitos da Umbanda cotidianamente em todos os espaços de minha vida.

3 Trecho de um ponto cantado de Umbanda. Pontos cantados são canções ritualísticas de louvação características das religiões de matriz africana que tem, entre outras, a função de movimentar energia ao longo da gira nos Terreiros, saudar, louvar, chamar, homenagear e se despedir de entidades e orixás.

4 MOITA, Paula. 2010.

5 Centro Espírita Justiça e Amor é o nome de uma instituição de práticas religiosas ligadas a Umbanda.

6 Espírito que se manifesta nos terreiros de Umbanda e remete a figura, luta, busca por libertação e história de resistência e do povo negro.

No ano de 2016 participei de uma pesquisa sobre gênero, sexualidades e masculinidades em instituições socioeducativas<sup>7</sup> e foi possível observar durante as visitas de campo as relações e influências da ação das instituições religiosas que tem acesso as unidades socioeducacionais nas relações de gênero e sexualidades tecidas no cotidiano deste espaço, e como a religião contribui ou não para perpetuação/reprodução de conceitos e pré-conceitos nas relações de gênero deste local. Em continuidade aos estudos sobre gênero e masculinidades passei a integrar o grupo de pesquisa denominado laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades (LEGESEX) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Tais observações e discussões me conduziram a relações e inquietações relacionando as vivências dentro do Terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor - CEJA, com tensões que transitam e perpassam por questões de gênero, masculinidades e educação.

Numa breve análise histórica da concepção de sexualidade dentro das religiões judaico cristãs é possível identificar com facilidade a demonização dos relacionamentos homoafetivos e qualquer outra forma de sexualidade que não esteja dentro dos padrões da heteronormatividade. Tal forma de representação acaba por amplificar padrões e condutas discriminatórias e excludentes.

As religiões de matriz afro brasileira, embora também sofram influências das tradições judaico cristãs, trazem a priori em sua filosofia uma abertura a aceitação e a diversidade, tendo inclusive vasta gama de publicações litúrgicas amparado tais concepções. Entretanto incontáveis vezes ainda é possível identificar no cotidiano do terreiro de umbanda o pensamento colonial, patriarcal, heteronormativo, excludente e que influencia e perpetua processos de exclusão e discriminação no que tange questões de gênero e masculinidade.

Silva (2008) em seu artigo O OLHAR DAS RELIGIÕES SOBRE A SEXUALIDADE, constrói um breve panorama histórico sobre o impacto das concepções de sexualidade através dos tempos e espaços, destacando o impacto e a força das religiões na constituição dos sujeitos.

A religião tem para os seres humanos uma importância significativa. Seja qual for a crença, não podemos ignorar que ela tem exercido forte influência sobre o comportamento e consequentemente, sobre a sexualidade humana. É de grande utilidade ter noções sobre a sexualidade na visão da religião numa perspectiva histórica, de

---

7 Projeto de pós-doutorado do Professor Dr. Jonas Alves, a ser realizado entre março de 2017 a fevereiro de 2018, sob a supervisão da Prof. Dr. Maria de Lourdes Ramos da Silva (Faculdade de Educação da USP).

forma a facilitar o conhecimento em relação a seus valores, problemas, medos, conflitos, entre outros.

A Umbanda, religião que tem por princípio a manifestação do espírito para a prática da caridade, traz como um dos princípios fundamentais de sua constituição a acolhida a diversidade. Recentemente no ano de 2016 foi reconhecida como patrimônio imaterial do Rio de Janeiro através de Decreto municipal. É considerada por adeptos e pesquisadores uma religião genuinamente brasileira e que tem como cerne a acolhida a diversidade.

Seu mito fundador afirma que a Umbanda foi anunciada no plano físico através da orientação do plano espiritual no Brasil em 15 de novembro de 1908 e é motivada pela dificuldade que algumas falanges<sup>8</sup> de espírito<sup>9</sup> encontravam à época para poderem se manifestar em religiões e cultos já existentes por estes os considerarem “atrasados” e/ou “inferiores”.

Apesar de algumas congruências no culto a espíritos através da mediunidade, os cultos africanos e indígenas sofreram grande discriminação por parte dos kardecistas, Kardec nunca escreveu diretamente nada a respeito da suposta inferioridade espiritual de qualquer povo ou etnia, entretanto, para esta distinção faziam uso da visão evolucionista do autor, quando este define as diferenças entre povos bárbaros e civilizados.

Defendiam, portanto, que índios e negros deveriam aceitar a superioridade espiritual e cultural da população ocidental e entendê-la como um objetivo ideal, caso desejassem evoluir espiritualmente, chegando ao absurdo de definir a escravidão como “um fenômeno social de imposição cármica<sup>10</sup>”.

Delegar ao processo cármico coletivo a questão da escravidão é deturpar os conceitos filosóficos religiosos a fim de encobrir o projeto de dominação e apagamento epistemológico implícito nas sociedades escravocratas e ampliar os espaços de pensamento abissal legitimando ainda mais o projeto colonizador e silenciador de corpos.

Boaventura, nos convida a reflexão desse tipo de projeto hegemônico excludente e subalternizador implícito nas afirmações acima, conforme citação a seguir:

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação

8 Grupo de espíritos que se afinam por tipo de trabalho ou capacidade de manipulação energética.

9 Espíritos são indivíduos que já desencarnaram e se libertaram de seus corpos físicos.

10 Carma, segundo as religiões que creem no processo de reencarnação e nas múltiplas vivências do espírito, significa Lei da Retribuição, de Causa e Efeito, Ação e Reação. Tal concepção não legitima a subjugação de povos e culturas inteiras em hipótese nenhuma, muito menos para fins de dominação em qualquer aspecto.

extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade (SANTOS; MENESES, 2010).

O trecho do livro *Epistemologias do Sul* citado acima ilustra com transparência o projeto hegemônico e subalternizador contido na justificativa do processo de escravidão pela via de conceitos religiosos. Assim como ocorre inúmeras vezes em relação às questões de gênero e masculinidades.

Com o objeto de coibir essa desigualdade, perpetuação de preconceitos e exclusões, sob a orientação do plano espiritual através por um espírito incorporado<sup>11</sup> no médium<sup>12</sup> Zélio Fernandino de Moraes, espírito esse que se apresenta como Caboclo das Sete Encruzilhadas<sup>13</sup> em 15 de novembro de 1908, durante uma sessão Kardecista em Niterói, é anunciada a fundação da Umbanda com o seguinte objetivo: “*ser uma religião que fala aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados*” (MORAES apud CORRAL, 2010).

Nesse contexto, identificar ainda na atualidade dentro do terreiro de umbanda narrativas de médiuns que sofrem perseguição e preconceito devido a sua orientação sexual denuncia o quanto a heteronormatividade impregna esses espaços, mesmo sendo uma postura contraditória aos princípios filosóficos da citada religião. Foucault (1988, p.16), contribui para reflexão dos caminhos trilhados nessa construção e perpetuação de conceitos, preconceitos e condutas acerca das masculinidades ao questionar:

Sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano. (Foucault, 1988, p.16)

Neste diapasão, o filósofo almeja conhecer as vias que autorizam a interferência do poder-saber na sexualidade dos sujeitos, controlando os seus corpos de modo eficaz, impedindo-os de seguirem as suas próprias pulsões ou os seus impulsos biológicos. Para ele, “a relação de poder passa por nossa carne, nosso corpo, nosso sistema nervoso” e “a psicanálise, tal como é feita atualmente, a tantos cruzes por sessão, não dá margem a que se possa dizer: ela é

11 Processo de acoplagem do espírito comunicante ao corpo do médium.

12 Indivíduo dotado de capacidade de comunicação com o plano espiritual.

13 Caboclo: uma das falanges trabalhadas da Umbanda, as características dos espíritos que a compõe remetem em muitos traços as diversas tribos indígenas que originalmente ocupavam nossas Terras

destruição das relações de poder” (Foucault, 2002, p.151). Consequentemente, a sexualidade do indivíduo está à mercê dos poderes discursivos das ciências, os quais controlam os desejos e os corpos dos sujeitos. (Carvalho, 2017)

Partindo de questões históricas, sociais e culturais que permeiam a construção do paradigma heteronormativo na sociedade, este trabalho investiga a influência desse modelo de sociedade nas religiões de matriz africana e na forma como estas se relacionam com as masculinidades no cotidiano de suas comunidades religiosas e o quanto isso tem implicações no reforço de posturas excludentes na educação formal não escolar. Entende-se para fins desse estudo a educação conforme descrito na Lei de diretrizes e Bases da Educação Brasileira em seu artigo 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Portanto a educação em análise nesta pesquisa é aquela que se desenvolve dentro do espaço religioso e se estende para outras instâncias de convivência humana.

O presente trabalho tem por objetivo analisar as relações de gênero, religião e educação formal não escolar a partir do Terreiro de Umbanda, buscando investigar especificamente como se consolidam questões e demandas das masculinidades e as quais influências da heteronormatividade nesse sentido. Tem ainda por objetivos específicos:

1. Investigar a influência das religiões na construção das relações de gênero e sexualidade da sociedade, através de uma análise dessas concepções nas liturgias ocidentais e nas religiões de matriz africana.
2. Caracterizar a presença/participação e o lugar da mulher dentro do Terreiro de Umbanda
3. Estabelecer relações entre heteronormatividade e sua influência nas questões relativas as masculinidades dentro do Terreiro de Umbanda
4. Problematizar como as concepções de gênero e masculinidades fomentadas no âmago das religiões de matriz africana interferem ou influenciam na Educação formal não escolar.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa traz uma abordagem de inspiração etnográfica, qualitativa, através de estudo de caso, sendo usado para a produção de indícios as entrevista aberta e semiestruturada, observação participante, e revisão bibliográfica.

O *Lócus* de pesquisa será constituído de ao menos três terreiros de culto a umbanda, a fim de investigar como os espaços lidam com as questões de gênero e masculinidades dentro de sua praticas religiosas e educacionais.

As entrevistas serão direcionadas aos praticantes e membros do campo independente de orientação sexual destes.

Fonseca (2002), afirma sobre o estudo de caso que este pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social.

Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revela apresenta-lo tal como ele o percebe.

O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador. Descrições que contemplam com primazia o estudo proposto no presente projeto.

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e critico de uma experiência, ou avalia-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor ação transformadora. (CHIZZOTI, 2003)

Diante das afirmações acima, a investigação tem por metodologia o estudo de caso, que se dará no âmbito das relações de gênero, religião e educação a partir do terreiro Umbanda, privilegiando para produção de indícios a observação participante, a entrevista em profundidade e a revisão bibliográfica.

Apoiamo-nos em Geertz (2008), e sua teoria interpretativa das culturais, destacamos a importância da descrição densa na construção do campo de pesquisa. O autor em sua obra afirma, que cultura é formada por teias de significados

tecidas pelo homem. Significados estes que os homens dão às suas ações e a si mesmos.

A etnografia é a tentativa de descrição da cultura de um determinado campo ou grupo. A pesquisa que desenvolvemos de inspiração etnográfica, busca conhecer a cultura construída e vivenciada no campo, onde mais que registrar os fatos, deve analisar, interpretar e buscar os significados contidos nos atos, ritos, performances humanas e não apenas descrevê-los.

Spradley (1979), afirma que a principal preocupação da etnografia é com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados. Ainda segundo o mesmo autor, alguns desses significados são diretamente expressos pela linguagem, outros são transmitidos indiretamente por meio das ações, em toda sociedade as pessoas usam sistemas complexos de significado para organizar seu comportamento, para entender a sua própria pessoa e os outros e para dar sentido ao mundo em que vivem.

A abordagem qualitativa em pesquisa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais encontradas no campo.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, parâmetros estes que atendem aos objetivos do presente estudo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Por um mundo com mais empatia. Bom senso. Respeito. E boas palavras. Que a gente se coloque mais no lugar do outro e pense bem antes de falar (ou escrever). É sempre bom lembrar que existe um mundo inteiro dentro de cada um. E tocar nesse solo sagrado é um ato de responsabilidade. QUE SEJAMOS SERES HUMANOS MAIS HUMANOS. (Autor desconhecido)

A presente pesquisa traz como referenciais teóricos principais os estudos de Foucault, Joyce Alves, Boaventura, Rogério Diniz e Stuart Hall, no que tange aspectos de dominação e apagamentos dos corpos e das epistemologias outras dentro da discussão de gênero, masculinidades e identidades e Marta Ferreiro e Luiz Rufino nos estudos da relação de terreiro e educação.

Foucault (1989), em sua obra a *Microfísica do poder*, afirma que o poder se gera e concretiza em uma gama ampla de relações pessoais desde as quais se leva

a constituir estruturas que regem nossa percepção. Ao analisamos os discursos identificamos normas implícitas e explícitas que constroem mecanismos que possibilitem que padrões e relações de poder se estruturem e se reproduzam.

O poder acaba por materializar-se através de diferentes formas de regulação de conduta. Tais regulações passam a integrar de forma quase natural parte do próprio ser de cada indivíduo e o dominado (silenciado) acaba por considerar natural ser subjugado. O poder produz o real. Por possuir essa eficácia produtiva, o poder volta-se para o corpo do indivíduo, não só com a intenção de reprimi-lo, mas de adestrá-lo.

Ao longo da história da humanidade a religião por muito tempo ocupou majoritariamente esse espaço de regulação de poder, onde comportamentos e parâmetros são santificados ou condenados de forma ditar o que era legítimo ou não para os corpos e almas.

Embora essa influência direta da religião na regulação dos corpos seja menos evidente em algumas denominações religiosas, ela ainda existe e reflete em vários aspectos da sociedade, principalmente nas questões de gênero e masculinidades. Silva Jr (2010:21), a respeito disso, elucida:

Na perspectiva instituída por Michael Foucault, a sexualidade é desvelada como um aparelho histórico de poder e , destarte, não se remete “ à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências,encadeiam-se uns aos outros,segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder”(Foucault,2007:100).Compactuando-se com essa definição, pode-se assegurar que a concepção do conhecimento sobre sexualidade no Brasil é arrolado às estratégias e conveniências do poder de uma sociedade pós-colonial e ainda escravista.

O termo gênero começa a ser utilizado por movimentos feministas no século XX buscando compreender desigualdades estabelecidas entre homens e mulheres, e com a finalidade de distinguir as dimensões biológica e social, destacando a dimensão histórica da construção do masculino e feminino e feminino em diferentes tempos e sociedades.

Apesar das diversas culturas definirem os sujeitos com homens e mulheres a partir de características biológicas desde seu nascimento, o conceito de gênero traz a essa discussão sob uma abordagem social/cultural da relação entre os sexos e destaca que masculinidades e feminismos são produtos do contexto social e histórico e não resultado exclusivamente da anatomia de seus corpos. Analisar a construção dessas masculinidades nos terreiros de umbanda e os processos

sociais, culturais e de poder que os regem é um dos desafios propostos nesse projeto.

Outra discussão importante para a pesquisa é a que tange os conceitos de sexo e sexualidade, ambos tomados comumente como sinônimos. Sexo, segundo inúmeros autores, se refere ao aspecto fisiológico, na distinção entre homens e mulheres. Sexualidade tem uma abordagem mais ampla, estando ligada as diversas possibilidades de interações entre os indivíduos. Ampliando e elucidando essa conceituação recorreremos a Pereira e Silva Jr (2016:4):

A sexualidade é um conceito que têm em sua essência crenças, valores, relações e identidades que são construídas e vivenciadas social e historicamente. Neste sentido, é preciso argumentar e refletir sobre as questões sociais e políticas da sexualidade. Foucault (1993) trata deste conceito denominando “o corpo e seus prazeres”, atribuindo uma relação de poder através do sujeito, seu corpo e sua sexualidade, uma vez que o corpo produz sentido.

O estudo da sexualidade vai muito além de questões inatas, de um pertencimento meramente biológico, de questões físicas somente. Existem regras, crenças, saberes e outras concepções que estão ligadas a sexualidade e que contribuem para as apropriações/desapropriações da sociedade quanto à perspectiva dos estudos voltados à sexualidade.

O conjunto dessas regras, crenças, saberes e concepções ligados a sexualidade em nossa sociedade vem impregnados da heteronormatividade vigente e ainda predominante em nossa sociedade, que define e molda modelos de comportamento e de corpos em diversas instâncias de convivência dos sujeitos, influenciando inclusive nos espaços de religião e educação.

Ampliando essa discussão sobre essa política de dominação dos corpos, Rufino, (2017:186), através da figura de Exu<sup>14</sup> realiza proposições de reflexões a respeito das possibilidades e urgências dessas mudanças de paradigma.

Exu é o elemento que nos possibilita um reposicionamento do corpo. A disponibilidade conceitual inscrita nesse signo nos revela dimensões historicamente negadas pelos regimes de verdade mantidos pelo ocidente. A emergência de novas perspectivas, a partir de Exu, nos permite credibilizar princípios, domínios e potências do *ser* que transgridem os parâmetros da política colonial. Cabe ressaltar que essa política de dominação exercida há mais de quinhentos anos é demasiadamente concentrada na violência contra os corpos. Assim, a violência praticada nos cotidianos da colônia autoriza a coisificação

---

14 Entidade que se manifesta na Umbanda, é movimento, vida, energia, determinação, transgressão ...

dos seres, do mesmo modo que a coisificação perpetua a violência. Nesse sentido, funda-se uma lógica de governabilidade da vida, uma marafunda viciosa que substancia o sentido existencial do homem branco (colonizador) em detrimento do desvio existencial do ser não branco (colonizado).

Junqueira (2013), em seu artigo *A Pedagogia do armário* discorre com maestria a cerda desta questão, embora o ensaio verse sobre o cotidiano escolar, suas ponderações podem ser transpostas para outros espaços de convivência dos sujeitos e no quanto a heteronormatividade esta impregnada reforçando conceitos, pré-conceitos e processos de exclusão e de apagamento de corpos e identidades. Nas palavras do autor ele ...

... busca refletir sobre as dimensões da heteronormatividade no cotidiano escolar que, impregnadas no currículo, relacionam-se a práticas de controle, vigilância e gestão das fronteiras da heteronormalidade, produzindo classificações, hierarquizações, privilégios, marginalização, desigualdades, que dizem respeito a todos, comprometem a garantia ao direito à educação de qualidade e comportam o exercício de uma cidadania mutilada.

Ao propor analisar as relações de gênero, religião e educação formal não escolar a partir do Terreiro de Umbanda, refletindo e dialogando com o referencial teórico citado pretendo investigar especificamente como se consolidam questões e demandas das masculinidades e as quais influências da heteronormatividade nesse espaço, a fim de que possamos ampliar espaços de discussão que possibilitem mudanças nas relações de saber/poder e o combate ao silenciamento historicamente constituído e corpos e identidades, principalmente no que tange as masculinidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa aqui apresentada ainda se encontra em fase de inicial de construção não apresentando ainda uma totalidade de resultados, entretanto, podemos destacar como resultados parciais que ao analisar a história da Umbanda, foi possível identificar que esta por principio a manifestação do espírito para a prática da caridade, traz como um dos princípios fundamentais de sua constituição a acolhida a diversidade.

Nesse contexto, identificar ainda na atualidade dentro do terreiro de umbanda narrativas de médiuns que sofrem perseguição e preconceito devido a sua orientação sexual denuncia o quanto a heteronormatividade impregna

esses espaço, mesmo sendo uma postura contraditória as princípios filosoficos da citada religião.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das relações de gênero, religião e educação a partir do Terreiro de Umbanda, refletindo e dialogando com o referencial teórico citado pretendo investigar especificamente como se consolidam questões e demandas das masculinidades e as quais influências da heteronormatividade nesse espaço, a fim de que possamos ampliar espaços de discussão que possibilitem mudanças nas relações de saber/poder e o combate ao silenciamento historicamente constituído e corpos e identidades, principalmente no que tange as masculinidades.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. . Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. Cadernos de Pesquisa, (45): 66-71.1983.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CARVALHO, Guilherme Paiva de / Aryanne Sérgia Queiroz de Oliveira. Discurso, poder e sexualidade em Foucault Ano 4 n. 11 Agosto - Dezembro 2017 p. 100 - 115  
CHIZZOTI, A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1991.z

CORRAL, Janaina A. As Sete Linhas da Umbanda. São Paulo: Universo dos Livros, 2010

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Gaal, 1988

FOUCAULT, Michel . Microfísica do poder. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. Descritor(es):.

GEERTZ, C. (2008). A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Kooga JUNIOR, J. A. d. S. (2010). Rompendo a mordaca: Representações de

professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade. Universidade de São Paulo.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do Armário. Revista *Retratos da Escola*, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>> MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: PEREIRA, L. S. ; SILVA JR. JONAS ALVES DA . Preconceito e estranhamento: Apontamentos sobre o homem como docente na Educação Infantil. 2016

RUFINO, Luiz. Exu e a pedagogia das encruzilhadas / Luiz Rufino Rodrigues Júnior. – 2017. 231 f.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) Epistemologias do Sul. São. Paulo; Editora Cortez. 2010. 637páginas. Epistemologias do Sul

SILVA, José Amilton da . “Olhares das religiões sobre a sexualidade”. 2008. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - AOC - Objeto de Aprendizagem Colaborativa). SPRADLEY, J. The ethnographic interview. Forth Worth: Hancourt Brace Jovanovich College, 1979.